

## Sobram-nos Olhos

Olha que os nossos velhos sabem muito  
com as mãos e com poemas que vêm  
de lugares esquisitos para onde eles olham  
Desde que foram à lua... e têm razão  
está tudo escangalhado, não vês?  
está tudo cheio de entulho, e o espaço  
e as estrelas, e os sonhos também estão sujos  
Já não se pratica a aventura do lugar  
já ninguém diz adeus por muito tempo  
só por morte ou tédio ou indiferença  
porque nada é longe ou estrangeiro  
Aventuras só nos dias, ou no amor  
passeamos por horas incertas e rombas  
por corpos estranhos e alheados  
estive ontem em ti e perdi-me  
Temos todas as condições para um milagre  
estamos a uma ideia do infinito, de uma coisa  
linda que não sabemos imaginar  
Sujámos o ar e deus e tudo  
sujámos as cabeças e o resto  
sobram-nos olhos e falta-nos o olhar

## Bandeira

A falta que faz uma bandeira do mundo. Um símbolo total que pudéssemos pendurar às avessas e dizer que é como a gente, virada de borco com olhos cravados no chão.

São tantas as ideias que deram as más voltas, parece até errado pensar muito. Quero ser chinês de nós, americano com estrelas ao alto e um deus em cima. Não sei já quem me governa, não sei quase nada nem se aqui estou.

Revisto os bolsos em busca de uma licença de andar por cá, como antes do isqueiro, peço desculpa, senhor agente, eu juro que poderia arder.

Mas não ardo, não sou, não ando. Angolano de uma noite que não acaba nunca, e há quem me fale de um país.

A Europa é morrer lentamente numa ideia, eu sei, eu sei bem o que é. Uma ideia azul como um mar que come a gente. Há mil maneiras de comer um português, e, para quem somos, só isto basta.

### NOTA BIOGRÁFICA

Nuno Camarneiro nasceu na Figueira da Foz em 1977. Licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, trabalhou no CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear) e doutorou-se em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença. Actualmente desenvolve a sua investigação na Universidade de Aveiro e é docente no Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense. Em 2011 publicou o seu primeiro romance, *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, saudado pela crítica, publicado também no Brasil e cuja tradução francesa está prevista para breve. Foi o primeiro autor escolhido pela Biblioteca Municipal de Oeiras, parceira portuguesa da iniciativa, para participar no Festival do Primeiro Romance de Chambéry, em França. Publicou um texto na prestigiada *Nouvelle Revue Française* na rubrica *Un mot d'ailleurs* e tem diversos contos em revistas nacionais e estrangeiras. Em 2012 venceu o Prémio Leya com o romance *Debaixo de Algum Céu*. Mantém, desde 2009, o blogue *Acordar um Dia*, no qual tem vindo a publicar a sua poesia e micronarrativa.